

ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: PRODUÇÕES DO PROFHISTÓRIA UNEB NO CONTEXTO DA LEI 10.639/03

2025



JACKSON DO NASCIMENTO RANGEL

SALVADOR - BA

Orientadora: Profa. Dra.
**Ana Cristina
Castro do Lago**

Linha de pesquisa:
**Saberes históricos
no espaço escolar**



PRODUTO EDUCACIONAL
Acervo digital do ProfHistória UNEB



ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA:

2025

PRODUÇÕES DO PROFHISTÓRIA UNEB NO CONTEXTO DA LEI 10.639/03



JACKSON DO NASCIMENTO RANGEL

SALVADOR - BA

Orientadora: Profa. Dra.
Ana Cristina
Castro do Lago

Linha de pesquisa:
**Saberes históricos
no espaço escolar**

**PRODUTO
EDUCACIONAL**
Acervo digital do
ProfHistória UNEB

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pelo SISB/UNEB.
Dados fornecidos pelo próprio autor.

R196a

Rangel, Jackson do Nascimento

ACERVO DIGITAL: PRODUÇÕES DO PROFHISTÓRIA UNEB NO
CONTEXTO DA LEI 10.639/03 / Jackson do Nascimento Rangel.

Orientador(a): Profº. Drº. Ana Cristina Castro do Lago. Lago. Salvador,
2025.

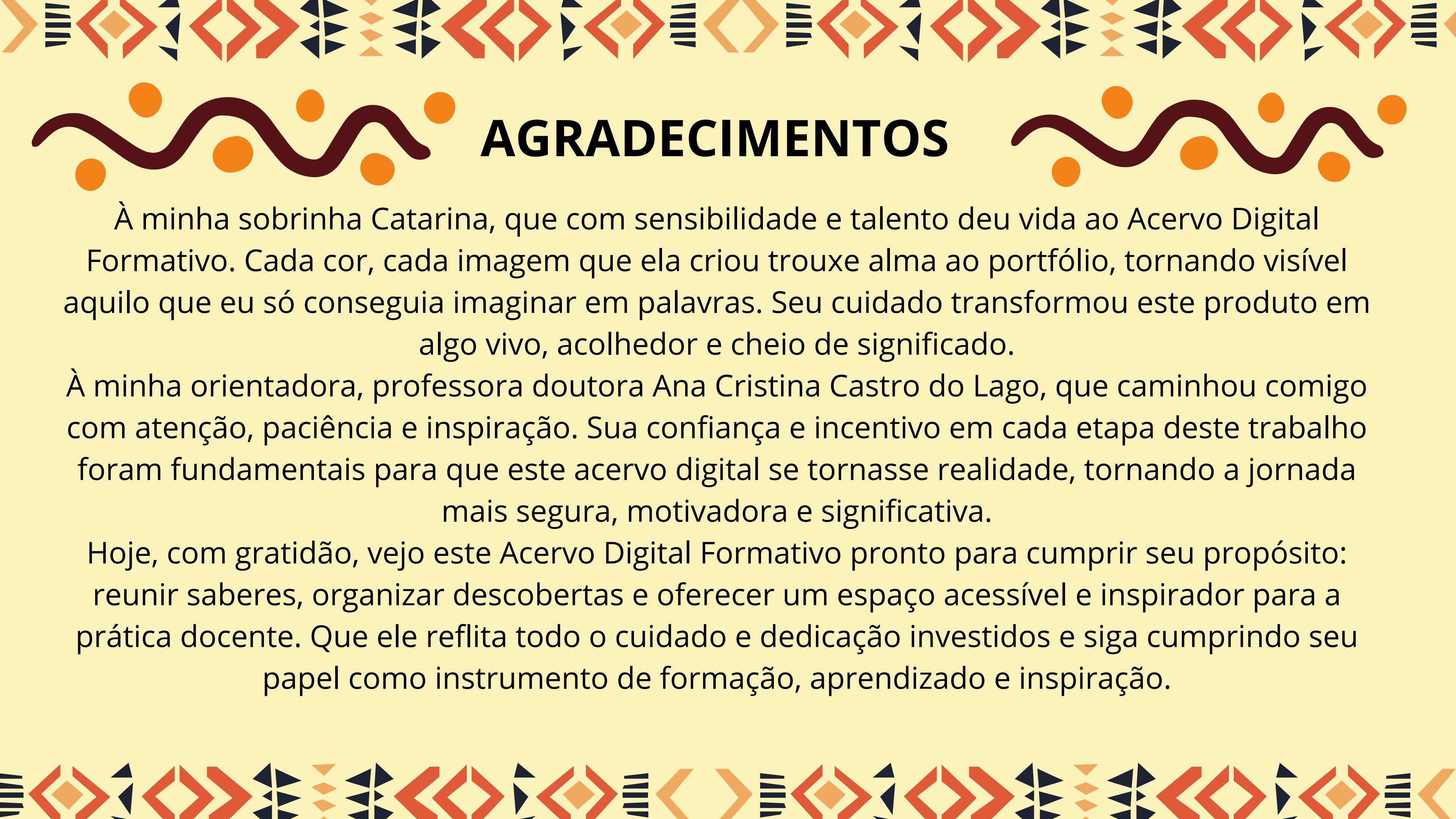
42 p : il.

Dissertação (Mestrado Profissional). Universidade do Estado da
Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História -
PROFHISTÓRIA, Salvador. 2025.

Contém referências, anexos e apêndices.

1. Ensino de História. 2. História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
3. Lei nº 10.639/2003. 4. Formação Docente. 5. Práticas Pedagógicas
Antirracistas. I. Lago, Profº. Drº. Ana Cristina Castro do . II. Universidade
do Estado da Bahia. Salvador. III. Título.

CDD: 907



AGRADECIMENTOS

À minha sobrinha Catarina, que com sensibilidade e talento deu vida ao Acervo Digital Formativo. Cada cor, cada imagem que ela criou trouxe alma ao portfólio, tornando visível aquilo que eu só conseguia imaginar em palavras. Seu cuidado transformou este produto em algo vivo, acolhedor e cheio de significado.

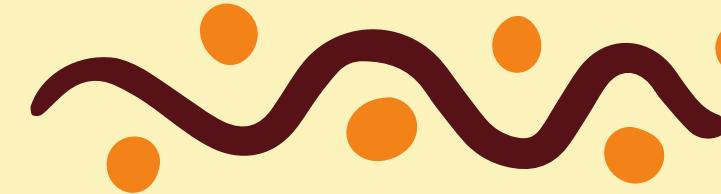
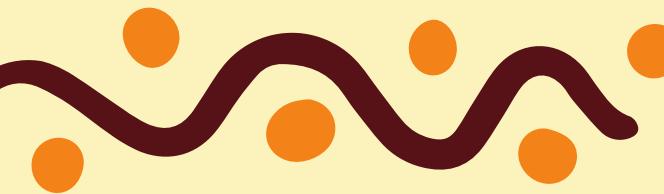
À minha orientadora, professora doutora Ana Cristina Castro do Lago, que caminhou comigo com atenção, paciência e inspiração. Sua confiança e incentivo em cada etapa deste trabalho foram fundamentais para que este acervo digital se tornasse realidade, tornando a jornada mais segura, motivadora e significativa.

Hoje, com gratidão, vejo este Acervo Digital Formativo pronto para cumprir seu propósito: reunir saberes, organizar descobertas e oferecer um espaço acessível e inspirador para a prática docente. Que ele reflita todo o cuidado e dedicação investidos e siga cumprindo seu papel como instrumento de formação, aprendizado e inspiração.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	06
1. CANTO NEGRO:AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÊ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR.....	07
2. A MULHER NEGRA NA EJA: REFLEXÕES SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA	09
3. IDENTIDADES (IN) VISÍVEIS: EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL E O ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO MUNICIPAL DE ARAÇÁS-BA	11
4. ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: SABERES E PRÁTICAS COM A LEI 10.639/03, NO COLÉGIO ESTADUAL ABELARDO MOREIRA	13
5. PEDAGOGIA FEMINISTA NEGRA DECOLONIAL PARA UM ENSINO DE HISTÓRIA ENGAJADO NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	15
6. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA HISTÓRIA DAS MULHERES NEGRAS NO BRASIL PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E ANTISSEXISTA: REFLEXÕES	17
7. A COR DESSA ESCOLA SOU EU: DIÁLOGOS ENTRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS E O ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO ESTADUAL DE BARRA DO POJUCA (2020-2021)	19
8. 'STAMOS EM PLENO MAR: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO USO DA POESIA DE CASTRO ALVES NO DEBATE SOBRE CIDADANIA E ESCRAVIDÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA	21
9. DIÁLOGOS MARIA FELIPA DE OLIVEIRA: MEMÓRIA, FEMINISMO NEGRO E PEDAGOGIA ENGAJADA NO ENSINO DE HISTÓRIA	23
10. MINHA RE) EXISTÊNCIA É VOZ! ENSINO DE HISTÓRIA E ESCREVIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS: OFICINAS PEDAGÓGICAS COM O ROMANCE "UM DEFEITO DE COR".....	25
11. DE QUINGOMA A THÁ-FENE: ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NA ESCOLA MUNICIPAL DE VIDA NOVA, LAURO DE FREITAS/BA	27
12. "DEIXE QUE EU CONTO MINHA HISTÓRIA": NARRATIVAS OUTRAS DO BAIRRO ARENOSO PARA PENSAR AS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA	29
13. ENSINO DE HISTÓRIA, GÊNERO E RAÇA: A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DO BAIRRO DO PAPAGAIO CONTADA POR MULHERES PRETAS (FEIRA DE SANTANA-BA)	31
14. A TERRA MORENA NA VERDADE É NEGRA! ENSINO DE HISTÓRIA, A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 E SUAS REFORMULAÇÕES NA REDE MUNICIPAL DE NAZARÉ-BA	33
15. MEU CARO, UBUNTU, "TUDO QUE NÓIS TEM É NÓIS!": UMA METODOLOGIA TRANSGRESSORA E ANTIRRACISTA NO ENSINO DE HISTÓRIA EM CACHOEIRA – BA	35
16. VOZES TRANSGRESSORAS DE MULHERES NEGRAS PROFESSORAS: ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS NO ENSINO DE HISTÓRIA EM CAMAÇARI-BA.....	37
17. NÓS, MULHERES NEGRAS, NA HISTÓRIA DE CONCEIÇÃO DA FEIRA: PARA DECOLONIZAR O CURRÍCULO DE HISTÓRIA E ASSEGURAR A LEI 10.639/2003.....	39

APRESENTAÇÃO



Este Acervo Digital Formativo nasce da pesquisa realizada no ProfHistória/UNEB e reúne 17 dissertações que abordam os desafios da implementação da Lei nº 10.639/2003, dando centralidade ao ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Mais do que compilar trabalhos acadêmicos, constitui-se como um instrumento de resistência e formação, pensado para democratizar o acesso ao conhecimento produzido por professores-pesquisadores e fortalecer práticas pedagógicas antirracistas na educação básica.

Cada dissertação é memória, saber e caminho. Organizadas por temas, territórios, metodologias e contribuições, elas oferecem subsídios para repensar o currículo, criar novas práticas e descolonizar o ensino de História. Este produto reafirma o compromisso do ProfHistória/UNEB com uma escola plural, democrática e justa, em que a ancestralidade africana e afro-brasileira seja reconhecida como fundamento essencial da formação cidadã.

Resultado de uma caminhada acadêmica e também de uma luta coletiva, o acervo surge da necessidade de romper o silêncio histórico que marginalizou a presença negra nos currículos.

Ao reunir essas dissertações, não apenas preserva memórias e saberes, mas transforma a produção acadêmica em instrumento vivo de resistência, evidenciando a urgência de uma educação que valorize a ancestralidade africana e afro-brasileira como base da cidadania e da construção de uma escola verdadeiramente emancipadora.

CANTO NEGRO: AS MÚSICAS DO BLOCO AFRO ILÊ AIYÊ PARA INCLUSÃO DA HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA NO CURRÍCULO ESCOLAR

- **Ano de defesa:** 2018.
- **Autor:** GUIMARÃES, Átila Silva Sena.
- **Orientador:** Prof. Dr. Wilson Roberto Mattos
- **Linha de pesquisa:** Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão.
- **Território de aplicação:** Escola Municipal Pirajá da Silva – Liberdade, Salvador (BA).

Produto educacional (SMA):

Portal digital “Canto Negro na Diáspora”, com HQs, oficinas, áudios e vídeos.

Principais contribuições:

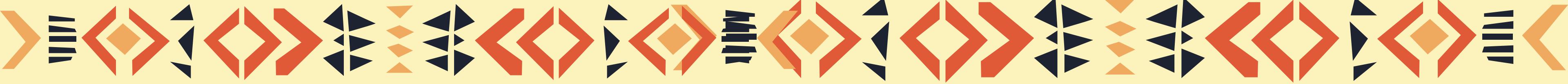
Promoveu o protagonismo negro, ressignificou identidades e inseriu a História da África com envolvimento e criticidade nas aulas de História.



RESUMO

Ao tomar a musicalidade como fonte histórica e linguagem formativa, a dissertação de Átila Guimarães insere-se no desafio de operacionalizar a Lei nº 10.639/03 em práticas curriculares capazes de romper com visões estereotipadas sobre a África. A pesquisa indaga como as canções do Bloco Afro Ilê Aiyê podem ser apropriadas pelo ensino de História para a valorização da cultura afro-brasileira e para a construção de identidades negras positivas. O objetivo central foi elaborar e aplicar uma Sequência Metodológica de Aprendizagem (SMA) que, a partir das letras do Ilê Aiyê, problematizasse a ancestralidade africana, a resistência negra e a contribuição das populações afrodescendentes à formação nacional. Com base em abordagem qualitativa, a investigação reuniu análise documental de 88 músicas (das quais 19 foram selecionadas por relação direta com a África), aplicação de questionários a professores e estudantes e desenvolvimento de oficinas em turmas do ensino fundamental II em Salvador. Estruturada no formato de aula-oficina, a SMA integrou análise de letras, debates sobre identidade e produção de HQs, culminando no portal digital Canto Negro na Diáspora, que disponibiliza materiais pedagógicos e as produções estudantis. Os resultados apontam que a música ampliou o engajamento discente, fortaleceu o sentimento de pertença e possibilitou ressignificação das identidades negras no espaço escolar. Como contribuição, a dissertação legitima a arte afro-brasileira como ferramenta epistemológica e didática, demonstrando sua potência para a construção de um currículo decolonial; como limite, evidencia a necessidade de políticas de formação e institucionalização para garantir a circulação e continuidade das práticas propostas.

Acesso:<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/431712>



A MULHER NEGRA NA EJA: REFLEXÕES SOBRE ENSINO DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA HISTÓRICA



- **Ano de defesa:** 2018.
- **Autora:** SANTOS, Eline de Oliveira.
- **Orientadora:** Prof^a. Dr^a. Cláudia Pons Cardoso.
- **Linha de pesquisa:** Saberes Históricos no Espaço Escolar.
- **Território de aplicação:** Complexo Integrado de Educação – Porto Seguro (BA).



Produto educacional (SMA):

Três sequências didáticas com foco em família, escola e trabalho.



Principais contribuições:

Ressignificou trajetórias de mulheres negras, valorizou a interseccionalidade e ampliou o debate decolonial na EJA.



RESUMO

A dissertação tem como ponto de partida a invisibilidade das mulheres negras nos currículos escolares e na Educação de Jovens e Adultos (EJA), realidade que contradiz os princípios da Lei 10.639/03. O objetivo foi compreender como o ensino de História pode colaborar para a formação da consciência histórica de mulheres negras, valorizando suas trajetórias pessoais e coletivas. O estudo se baseou em pesquisa qualitativa participante, com aplicação de entrevistas semiestruturadas e três sequências didáticas desenvolvidas em turmas da EJA, que abordaram dimensões da vida cotidiana como família, escola e trabalho. Os resultados indicaram que as participantes ressignificaram suas experiências, reconheceram-se como agentes históricos e ampliaram a consciência crítica acerca das desigualdades de gênero e raça. A principal contribuição do trabalho foi elaborar práticas pedagógicas que articulam interseccionalidade, memória e ensino de História, reforçando a EJA como espaço de resistência e emancipação. Contudo, a pesquisa também destacou limites, como a ausência de apoio institucional e a falta de políticas de formação continuada capazes de assegurar a permanência e o aprofundamento dessas práticas em outras turmas.





IDENTIDADES (IN)VISÍVEIS: EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL E O ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO MUNICIPAL DE ARAÇÁS-BA

Ano de defesa: 2018.

Autora: SANTOS, Rosemary de Jesus.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Wlamyra Ribeiro de Albuquerque.

Linha de pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas:
Produção e Difusão.

Território de aplicação: Colégio Municipal de Araçás – Araçás
(BA).

Produto educacional (SMA): Sequência didática, mini curso
e aula-oficina; criação de site com os materiais.

Principais contribuições: Valoriza o território negro,
combate o epistemocídio escolar e propõe um currículo
plural e inclusivo.



RESUMO

A pesquisa evidencia como o ensino de História pode dar voz, visibilidade e protagonismo às identidades negras, confrontando a hegemonia de narrativas eurocêntricas e promovendo a emergência de uma educação mais plural em escolas quilombolas. Com abordagem qualitativa e etnográfica, o estudo articula saberes escolares e comunitários, valorizando epistemologias locais e comunitárias, e se fundamenta em referências decoloniais e críticas, como ecologia de saberes, pensamento abissal, identidade e currículo como disputa simbólica. Dessa forma, propõe um ensino que não apenas transmite conteúdos, mas reconhece ancestralidade, memória e experiência como instrumentos de resistência e afirmação cultural. Como produto educacional, foram desenvolvidas uma sequência didática, um minicurso e uma aula-oficina, estruturados a partir de história oral, memórias locais e saberes ancestrais, com divulgação online para ampliar o acesso. Tais práticas revelam fortalecimento da identidade dos estudantes, valorização da cultura negra e legitimação dos saberes comunitários, mostrando que o aprendizado vai além da sala de aula, refletindo diretamente na formação de sujeitos críticos e conscientes de sua história. O estudo demonstra que a efetivação da Lei nº 10.639/03 exige práticas pedagógicas que integralmente considerem a pluralidade de saberes, rompam com a monoculturalidade curricular e promovam uma experiência educativa transformadora, contribuindo para a formação de docentes capazes de construir uma História inclusiva, crítica e socialmente engajada, que reconheça a diversidade, combata o epistemicídio histórico e fortaleça a justiça social na educação.

ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: SABERES E PRÁTICAS COM A LEI 10.639/03 NO COLÉGIO ESTADUAL ABELARDO MOREIRA

Ano de defesa: 2020.

Autora: CERQUEIRA, Silvana Reis da Silva.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sara Oliveira Farias.

Linha de pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Território de aplicação: Colégio Estadual Abelardo Moreira – Mairi (BA)

Produto educacional (SMA):

Portfólio digital com
práticas docentes do
projeto “Heranças
Africanas”.

Principais contribuições:

Promoveu currículo
antirracista, fortaleceu
práticas pedagógicas e
contribuiu para o
protagonismo negro.

RESUMO

Romper com o silêncio curricular e desafiar o eurocentrismo são movimentos centrais do estudo, que mostra como a Lei nº 10.639/03, quando efetivada na prática docente, pode transformar o ensino de História em espaço de resistência, ancestralidade e afirmação identitária. A experiência no interior da Bahia revela que incluir a história e a cultura afro-brasileira não é apenas cumprir uma exigência legal, mas abrir caminho para uma consciência histórica antirracista capaz de reposicionar o lugar da população negra no currículo.

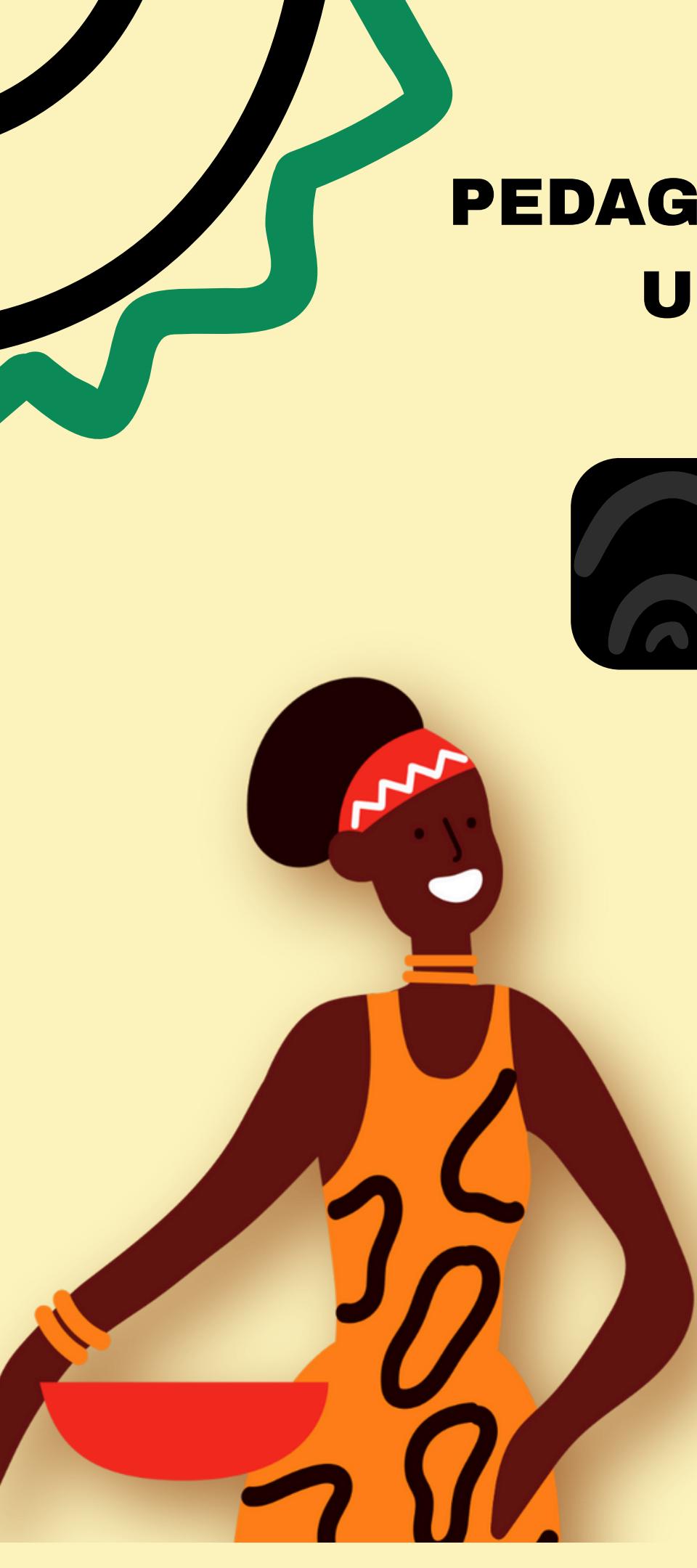


Ao adotar a narrativa como metodologia, o trabalho valoriza a escuta das professoras e a análise de projetos pedagógicos, especialmente o “Heranças Africanas”, consolidado como prática de insurgência pedagógica. Nesse processo, a implementação da Lei ultrapassa a dimensão conteudista e exige uma verdadeira reconfiguração epistemológica: compreender o currículo como campo de disputa simbólica e reconhecer a legitimidade dos saberes afro-brasileiros e africanos.

O produto educacional — um portfólio digital de experiências — sistematiza práticas desenvolvidas ao longo de uma década e as disponibiliza a outros docentes, funcionando como ferramenta formativa e gesto de resistência ao epistemicídio. Ao afirmar identidades negras e fortalecer vínculos comunitários, amplia os horizontes de circulação e permanência dos saberes ancestrais na escola.



Assim, o estudo mostra que efetivar a Lei nº 10.639/03 requer docentes que se assumam como agentes de transformação social, capazes de tensionar o currículo monocultural e construir práticas emancipatórias. O ensino de História, nesse contexto, assume caráter insurgente e crítico, articulando memória, identidade e justiça social como fundamentos para enfrentar o racismo estrutural no espaço escolar.



PEDAGOGIA FEMINISTA NEGRA DECOLONIAL PARA UM ENSINO DE HISTÓRIA ENGAJADO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

- Ano de defesa: 2021. • Autora. NASCIMENTO, Soraia Maria Ceita do.

- Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia Pons Cardoso
- Linha de pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

- Território de aplicação: Colégio Estadual Almirante Barroso – Paripe, Salvador (BA).

- Produto educacional (SMA): Sequência didática feminista negra decolonial (não aplicada por causa da pandemia).

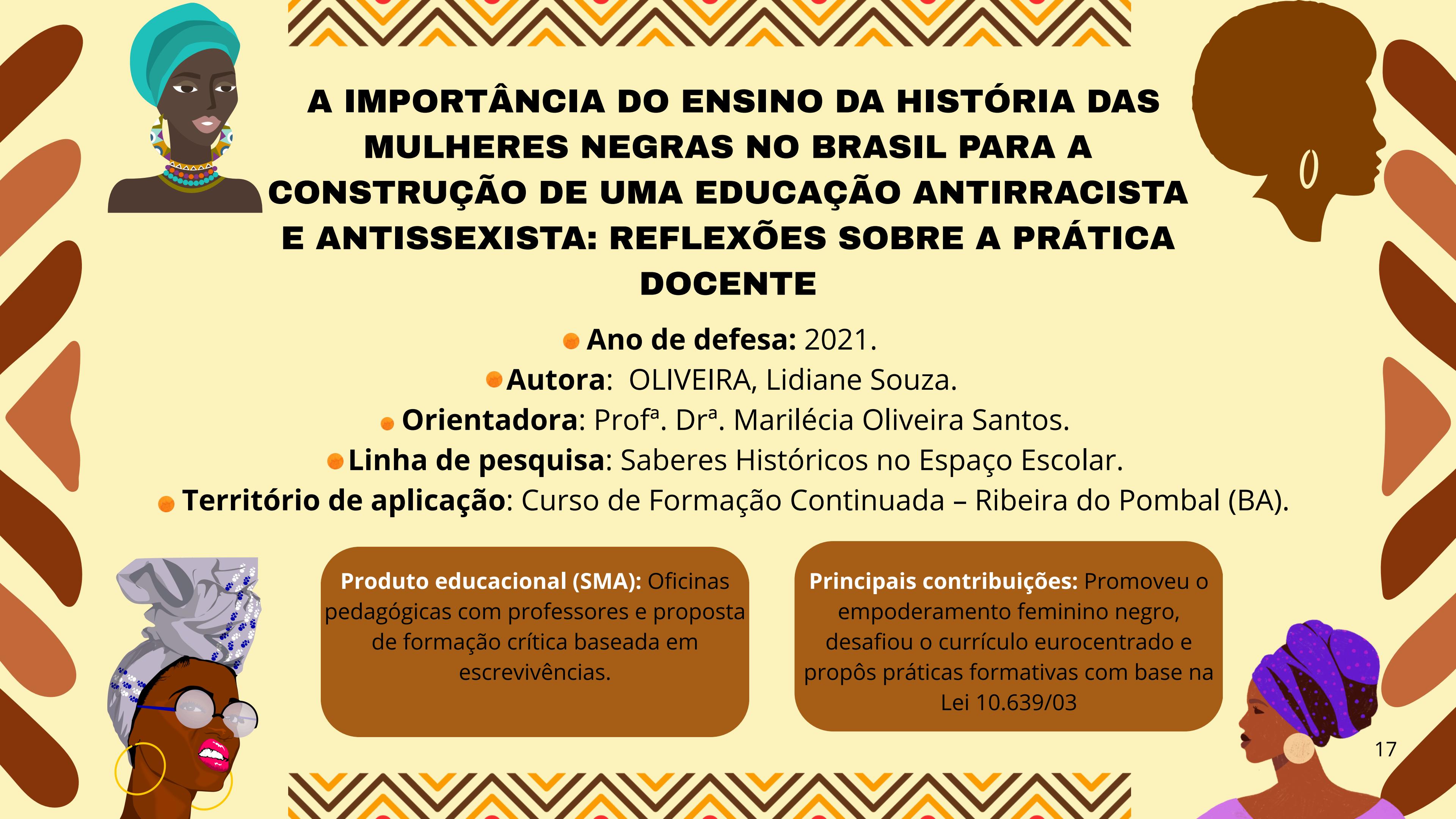
- Principais Contribuições: Redefine o currículo com base em epistemologias subalternas e valoriza as vozes de meninas negras na sala de aula.

RESUMO

Questionar a colonialidade do currículo e romper hierarquias de raça, gênero e classe são movimentos centrais desta dissertação, que propõe uma pedagogia feminista negra decolonial como base para um ensino de História engajado e emancipador. Em uma escola pública da periferia de Salvador, o estudo revela como a sala de aula pode se tornar espaço de escuta e valorização das meninas negras, transformando o ensino em território de resistência e afirmação identitária.

A pesquisa realiza um diagnóstico crítico da prática pedagógica, evidenciando marcas da modernidade/colonialidade no cotidiano escolar e fundamentando a criação de uma sequência didática decolonial, pensada para o 9º ano do ensino fundamental. Embora não tenha sido aplicada devido à pandemia de COVID-19, a proposta consolida-se como produto educacional e como prática insurgente.

Os resultados demonstram que um ensino de História ancorado em epistemologias feministas e decoloniais pode ressignificar o lugar das meninas negras na escola, reconhecendo suas narrativas como centrais e promovendo uma mudança estrutural no currículo. Assim, a dissertação contribui para a efetivação da Lei nº 10.639/03 ao propor uma formação crítica, inclusiva e emancipatória.



A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA HISTÓRIA DAS MULHERES NEGRAS NO BRASIL PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E ANTISSEXISTA: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

- **Ano de defesa:** 2021.
- **Autora:** OLIVEIRA, Lidiane Souza.
- **Orientadora:** Prof^a. Dr^a. Marilécia Oliveira Santos.
- **Linha de pesquisa:** Saberes Históricos no Espaço Escolar.
- **Território de aplicação:** Curso de Formação Continuada – Ribeira do Pombal (BA).



Produto educacional (SMA): Oficinas pedagógicas com professores e proposta de formação crítica baseada em escrevências.



Principais contribuições: Promoveu o empoderamento feminino negro, desafiou o currículo eurocentrado e propôs práticas formativas com base na Lei 10.639/03

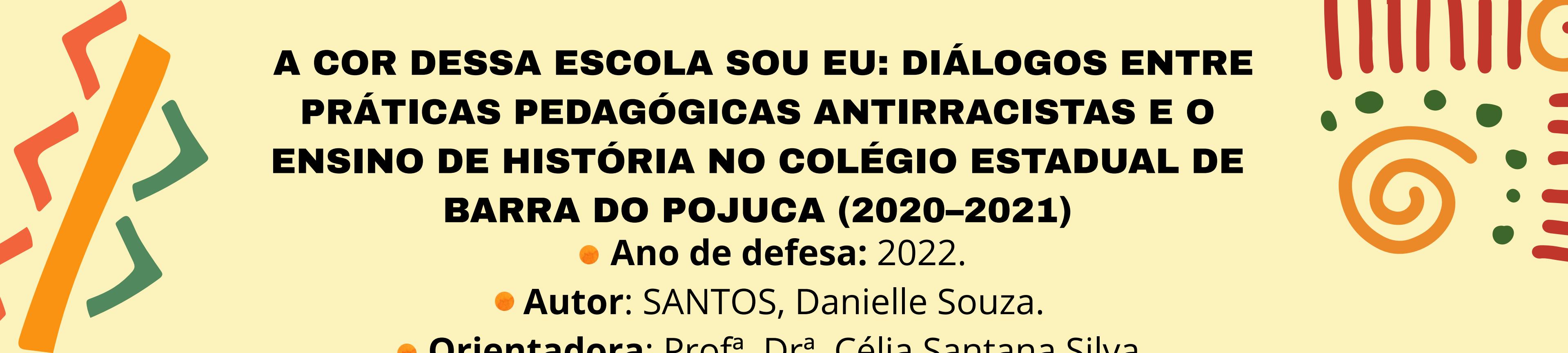
RESUMO

Colocar em evidência as trajetórias das mulheres negras e questionar os modelos racistas e sexistas que atravessam a escola pública é o ponto de partida desta dissertação, que discute como o ensino de História pode se constituir em prática de resistência e empoderamento. A autora articula sua experiência docente à crítica ao currículo tradicional, problematizando as ausências históricas que invisibilizam mulheres negras no espaço escolar.

A pesquisa, de caráter autobiográfico e ancorada na pesquisa-ação, resultou na elaboração de uma proposta formativa para professores de História, estruturada em oficinas com debates interseccionais, análise crítica de materiais didáticos e uso de fontes alternativas, como biografias e literatura negra. Trata-se do produto educacional do trabalho, voltado à formação de docentes comprometidos com uma educação antirracista e antissexista.

Os resultados demonstram que inserir a história das mulheres negras no currículo contribui para o fortalecimento da identidade de estudantes, sobretudo meninas negras, e abre caminho para ressignificar práticas pedagógicas. A dissertação reafirma, assim, a potência da Lei nº 10.639/03 como instrumento de transformação, ao propor um ensino de História que reconhece as mulheres negras como sujeitos históricos e promove uma educação mais crítica e emancipadora.

Acesso: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/701165>



A COR DESSA ESCOLA SOU EU: DIÁLOGOS ENTRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ANTIRRACISTAS E O ENSINO DE HISTÓRIA NO COLÉGIO ESTADUAL DE BARRA DO POJUCA (2020–2021)

- Ano de defesa: 2022.
- Autor: SANTOS, Danielle Souza.
- Orientadora: Prof^a. Dr^a. Célia Santana Silva.
- Linha de pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.
- Território de aplicação: Colégio Estadual de Barra do Pojuca – Camaçari (BA).



Produto educacional (SMA):

Três sequências didáticas antirracistas e proposta de reformulação do PPP da escola.

Principais contribuições:

Promoveu o protagonismo discente negro, o fortalecimento da formação docente e a inserção crítica da Lei nº 10.639/03 no projeto político-pedagógico escolar.

RESUMO

No Colégio Estadual de Barra do Pojuca, em Camaçari (BA), a luta por uma educação antirracista encontrou terreno fértil. Esta dissertação parte da urgência de compreender como práticas pedagógicas em História podem fortalecer identidades negras e enfrentar o racismo no espaço escolar, especialmente em um território de maioria negra e marcado por desigualdades sociais.

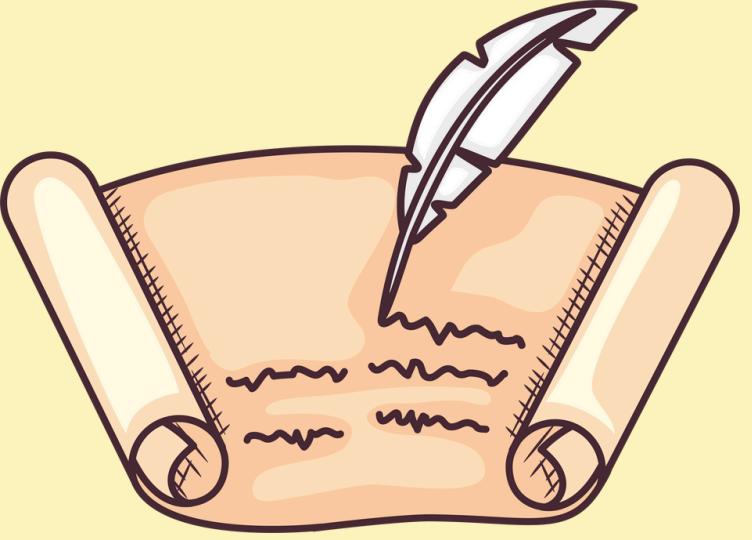
A pesquisa, de caráter qualitativo e fundamentada na pesquisa-ação e na história oral, foi desenvolvida em diálogo direto com docentes da escola, envolvendo rodas de conversa, análise documental e construção coletiva de sequências didáticas. O trabalho resultou em um produto educacional composto por três sequências didáticas antirracistas, voltadas ao ensino médio, que abordam identidade racial, racismo estrutural e protagonismo negro. Além disso, a autora propôs a revisão do Projeto Político-Pedagógico (PPP), inserindo diretrizes que asseguram a efetiva aplicação da Lei nº 10.639/03.

Os resultados apontam que a construção coletiva fortaleceu o engajamento dos professores e gerou reflexões críticas sobre a prática docente. As atividades aplicadas promoveram maior protagonismo dos estudantes negros, ampliaram debates sobre identidade e cidadania e revelaram a potência da escola como espaço de transformação social.

Conclui-se que a dissertação reafirma a importância do ensino de História como ferramenta de emancipação, ao articular práticas pedagógicas antirracistas, revisão curricular e protagonismo docente-estudantil. Trata-se de uma contribuição concreta para a consolidação da Lei nº 10.639/03 e para o fortalecimento de uma pedagogia crítica, engajada e decolonial.

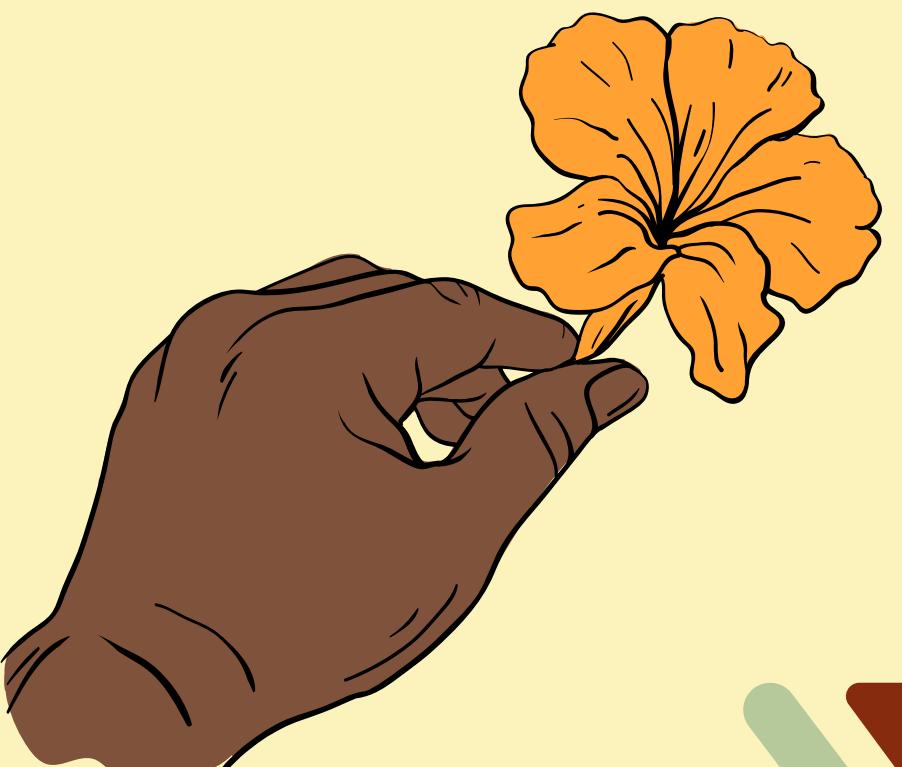
Acesso: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/701165>





'STAMOS EM PLENO MAR': DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO USO DA POESIA DE CASTRO ALVES NO DEBATE SOBRE CIDADANIA E ESCRAVIDÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA

- **Ano de defesa:** 2022.
- **Autor:** MOURA, José Demétrius Silva.
- **Orientadora:** Prof^a. Dr^a. Cristiana Ferreira Lyrio Ximenes.
- **Linha de pesquisa:** Saberes Históricos no Espaço Escolar.
- **Território de aplicação:** Colégio Modelo Luíz Eduardo Magalhães, Camaçari (BA).



Produto educacional (SMA):
Caderno de atividades: "Expandindo a sala de aula de História", com análise de poemas e propostas didáticas.

Principais contribuições:
Demonstrou que a poesia pode ser recurso didático potente no ensino de História crítica e antirracista; promoveu consciência histórica dos estudantes sobre cidadania e permanências da escravidão.

RESUMO

Transformar a poesia em ferramenta de resistência e reflexão histórica é o eixo desta dissertação, que explora *O Navio Negreiro*, de Castro Alves, como recurso para discutir escravidão, cidadania e direitos humanos no ensino de História. O estudo evidencia como a literatura pode tensionar narrativas eurocêntricas e tornar o espaço escolar um lugar de aprendizagem crítica, sensível e conectada às experiências dos estudantes.

Com abordagem qualitativa, a pesquisa envolveu grupos focais com estudantes do ensino médio da rede pública da Região Metropolitana de Salvador durante a pandemia de COVID-19. O produto educacional consistiu no caderno “Expandindo a sala de aula de História: atividades para a reflexão sobre escravidão e cidadania”, que utiliza a poesia como fonte histórica, promovendo análise crítica, escuta ativa e debates sobre desigualdade e exclusão social.

Os resultados mostraram que os estudantes se engajaram de forma significativa, desenvolvendo percepção crítica sobre as permanências da escravidão e fortalecendo a cidadania ativa. A pesquisa demonstra o potencial da literatura para articular ensino de História, direitos humanos e epistemologias subalternas, consolidando práticas pedagógicas críticas, plurais e antirracistas, alinhadas à Lei nº 10.639/03.

Acesso: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/717958>

DIÁLOGOS MARIA FELIPA DE OLIVEIRA: MEMÓRIA, FEMINISMO NEGRO E PEDAGOGIA ENGAJADA NO ENSINO DE HISTÓRIA.

2022



- Ano de defesa: 2022.
- Autora: SILVA, Marina Maia da.
- Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia Pons Cardoso.
- Linha de pesquisa: Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão.
- Território de aplicação: Rede pública estadual da Bahia, Camaçari (BA).



**Produto educacional
(SMA):**
E-book pedagógico com
caminhadas de
aprendizagem sobre Maria
Felipa.

Principais contribuições:
Valorização das epistemologias
negras e insurgentes; formação
identitária e decolonial;
enfrentamento às narrativas
oficiais sobre a Independência.

RESUMO

Ao reinscrever Maria Felipa de Oliveira na centralidade da história, esta dissertação reivindica uma pedagogia que confronta silêncios e desloca as fronteiras do currículo eurocentrado. A heroína negra da independência da Bahia é tomada como eixo de memória, resistência e identidade, mobilizando o feminismo negro e a pedagogia engajada para propor um ensino de História que enfrente o racismo, o sexism e a subalternização da mulher negra.

A pesquisa, de caráter qualitativo, articula memórias populares da Ilha de Itaparica, representações sociais, narrativas escolares e análise crítica de livros didáticos, revelando ausências sistemáticas de Maria Felipa na história oficial. Como produto educacional, foi elaborado um e-book pedagógico que, por meio de caminhadas de aprendizagem, oferece atividades destinadas ao 2º ano do ensino médio, conectando memórias locais, identidade negra e crítica à narrativa hegemônica da independência. Os resultados apontam para a potência das representações insurgentes de Maria Felipa como matriz formadora da identidade negra e para a construção de práticas educativas ancoradas na justiça social, na interseccionalidade e na decolonialidade. A dissertação evidencia que o ensino de História, ao dialogar com epistemologias negras e memórias silenciadas, pode se constituir como espaço de insurgência e emancipação, contribuindo para a efetividade da Lei nº 10.639/03 e para a formação crítica de estudantes.



Acesso: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/721323>

MINHA RE)EXISTÊNCIA É VOZ! ENSINO DE HISTÓRIA E ESCREVIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS: OFICINAS PEDAGÓGICAS COM O ROMANCE UM DEFEITO DE COR

- **Ano de defesa:** 2022.
- **Autora:** PINHO, Deise Karla Santana.
Orientadora: Prof.^ª Dr^a. Cláudia Pons Cardoso.
- **Linha de pesquisa:** Saberes Históricos no Espaço Escolar.
- **Território de aplicação:** Colégio Estadual Georgina de Mello Erismann, Feira de Santana (BA).

Produto educacional (SMA):

Caderno pedagógico “Minha Reexistência é Voz!”, com quatro oficinas baseadas no romance “Um defeito de cor”.

Principais contribuições:

Fortaleceu a identidade de estudantes negras, valorizou a literatura de autoria negra e promoveu a escrita como resistência histórica e política.



RESUMO

Ao transformar a voz literária de Kehinde em ferramenta pedagógica, esta dissertação faz da escrevivência um ato de insurgência contra o silenciamento histórico das mulheres negras escravizadas. O romance Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves, é tomado como ponto de partida para articular literatura, identidade e ensino de História, numa perspectiva em que o passado da escravidão é trabalhado não apenas como dado histórico, mas como memória viva que atravessa afetos, subjetividades e formas de resistência.

Ancorada no feminismo negro (Angela Davis, Grada Kilomba, Lélia Gonzalez, Patricia Hill Collins, Bell Hooks) e no conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, a pesquisa propõe uma Sequência Metodológica de Aprendizagem com quatro oficinas, realizadas em Feira de Santana (BA), que discutem identidade, autoimagem, trabalho e maternidade negra. O produto educacional resultante — o caderno Minha Re)Existência é Voz! — reúne roteiros, atividades e sugestões de leitura, funcionando como um instrumento formativo para professores comprometidos com práticas antirracistas e antissexistas.

Os resultados apontam para o potencial da literatura de autoria negra como disparadora de consciência histórica, fortalecendo identidades raciais e desafiando estereótipos. Mais do que um recurso didático, a obra se converte em um território de reexistência, onde vozes antes silenciadas ganham centralidade na formação dos estudantes. A dissertação evidencia que o ensino de História, ao dialogar com epistemologias negras, pode ser profundamente transformador, contribuindo para a efetividade da Lei nº 10.639/03 e para uma educação comprometida com a justiça racial e social.

Acesso: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/723337>



DE QUINGOMA A THÁ-FENE: ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NA ESCOLA MUNICIPAL DE VIDA NOVA, LAURO DE FREITAS/BA



- **Ano de defesa:** 2022.
- **Autora:** SOUZA, Gilma Conceição de.
- **Orientadora:** Prof^a. Dr^a. Cláudia Pons Cardoso.
- **Linha de pesquisa:** Saberes Históricos no Espaço Escolar.
- **Território de aplicação:** Escola Municipal de Vida Nova, Lauro de Freitas (BA).

Produto educacional (SMA):
E-book “Histórias do Quingoma”, com propostas interdisciplinares e trilha pedagógica para o ensino fundamental.

Principais contribuições:
Articulou território, currículo e história local; promoveu o reconhecimento de saberes ancestrais e combateu o apagamento cultural quilombola e indígena.



RESUMO

Nas encruzilhadas entre escola e comunidade, a dissertação de Gilma Conceição de Souza faz da história viva de Quingoma um fio condutor para pensar o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Mais do que um território, Quingoma surge como espaço de memória e resistência, capaz de tensionar currículos e revelar o quanto o passado ainda pulsa no presente da educação.

Desenvolvido na Escola Municipal de Vida Nova, em Lauro de Freitas (BA), o estudo investiga as limitações e possibilidades da implementação da Lei nº 10.639/03, evidenciando como a ausência da história local nos documentos oficiais e nas práticas docentes perpetua silenciamentos. Ao mesmo tempo, aponta para a potência do território como recurso pedagógico, capaz de fortalecer identidades e promover uma educação antirracista.

A pesquisa combina análise crítica, prática de campo e uma dimensão autorreflexiva, uma vez que a própria pesquisadora é parte do espaço escolar que examina. Essa imersão dá ao trabalho uma força singular: ele não fala apenas sobre a escola, mas a partir dela, reconhecendo seus limites institucionais e propondo caminhos possíveis.

Como resultado, nasce o e-book Histórias do Quingoma, concebido como material pedagógico que aproxima estudantes e docentes das memórias da comunidade quilombola e indígena. O recurso reúne narrativas locais, atividades interdisciplinares e propostas de visitas ao território, ressignificando o currículo e conectando o saber escolar ao saber comunitário.

Ao final, a dissertação evidencia que o ensino de História, quando atravessado pelas experiências e tradições de comunidades negras e indígenas, deixa de ser mera transmissão de conteúdos e se torna prática de pertencimento, resistência e transformação social.

Acesso: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/723697>

DEIXE QUE EU CONTO MINHA HISTÓRIA: NARRATIVAS OUTRAS DO BAIRRO ARENOSO PARA PENSAR AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA

- **Ano de defesa:** 2022.
- **Autora:** COSTA, Luciana Moreira.
- **Orientadora:** Profª. Drª. Cristiana Ferreira Lyrio Ximenes.
- **Linha de pesquisa:** Saberes Históricos no Espaço Escolar.
- **Território de aplicação:** Colégio Estadual Deputado Luís Eduardo Magalhães – Arenoso, Salvador (BA).

Produto educacional (SMA):

Conta no Instagram com trilha pedagógica e publicações dos alunos: vídeos, imagens e textos das oficinas realizadas sobre memórias do bairro.

Principais contribuições:

Protagonismo estudantil e reconstrução de pertencimento territorial. Resgatou as memórias da comunidade periférica, promoveu o pertencimento dos estudantes e articulou história local à luta antirracista e decolonial.



RESUMO

O bairro Arenoso, periferia de Salvador, tornou-se o ponto de partida para uma experiência pedagógica que articula memória, identidade e ensino de História. A pesquisa investigou como as narrativas locais, produzidas pelos próprios moradores e estudantes da EJA, podem romper com estigmas, valorizar a trajetória da comunidade e oferecer um caminho de ensino pautado nas relações étnico-raciais. Mais do que resgatar lembranças, o trabalho construiu espaços de escuta e de protagonismo estudantil, nos quais a história oficial foi tensionada por vozes historicamente silenciadas.

A metodologia, baseada na participação coletiva, possibilitou a realização de oficinas pedagógicas e entrevistas que deram origem a narrativas contra-hegemônicas sobre o bairro. Em vez de reproduzir perspectivas estigmatizantes, os estudantes passaram a se reconhecer como sujeitos históricos ativos, capazes de elaborar leituras críticas de sua realidade e de suas memórias.

O produto educacional, adaptado ao cenário da pandemia, assumiu a forma de uma rede social, onde textos, imagens e vídeos circularam de maneira dinâmica, ampliando o alcance da proposta e projetando a história do bairro para além dos muros da escola. Essa escolha revelou o potencial das tecnologias digitais como aliadas na valorização de identidades periféricas.

Os resultados apontam para o fortalecimento da autoestima e do sentimento de pertencimento dos estudantes, evidenciando que o ensino de História, quando articulado às experiências cotidianas e às memórias coletivas, adquire um caráter emancipatório. A pesquisa reafirma que práticas decoloniais e antirracistas são viáveis quando o currículo se abre às vozes da comunidade e reconhece as periferias como espaços de produção de conhecimento e resistência.

Acesso: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/724857>

ENSINO DE HISTÓRIA, GÊNERO E RAÇA: A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DO BAIRRO DO PAPAGAIO CONTADA POR MULHERES PRETAS (FEIRA DE SANTANA-BA)

● Ano de defesa: 2024.

Autora: SANTANA, Kleidiane Santiago de.

● Orientadora: Prof^a. Dr^a. Marilécia Oliveira Santos.

● Linha de pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

● Território de aplicação: Colégio Estadual Teotônio Vilela – Papagaio, Feira de Santana (BA).

Produto educacional (SMA): Material didático impresso com relatos, fotos e produções dos estudantes a partir da história oral de moradoras.

Principais contribuições:
Valorizou a história oral, rompeu com silenciamentos de gênero e raça, e fomentou uma educação emancipatória.



RESUMO

A construção do conhecimento histórico pode emergir das vozes silenciadas, e é exatamente isso que se evidencia ao explorar as memórias de mulheres negras fundadoras do bairro Papagaio, em Feira de Santana. A pesquisa transformou essas narrativas em recursos pedagógicos para o ensino de História, conectando currículo, identidade e consciência social, e possibilitando aos estudantes reconhecerem o protagonismo feminino negro na história local.

A metodologia qualitativa e colaborativa envolveu os estudantes como pesquisadores, promovendo rodas de conversa, entrevistas e atividades reflexivas que aproximaram o currículo escolar da experiência vivida na comunidade. O produto educacional resultou em um material didático impresso, com relatos e registros dos estudantes, pensado para fortalecer identidade, pertencimento e protagonismo juvenil e feminino.

Os resultados demonstram que esse enfoque ampliou a percepção crítica dos estudantes sobre racismo, machismo e desigualdade, consolidando a história do bairro como espaço de saber legítimo e emancipatório. Ao valorizar as vozes das mulheres negras, a prática pedagógica tensionou o currículo tradicional e promoveu uma abordagem decolonial, antirracista e engajada.

Conclui-se que a pesquisa oferece uma contribuição significativa ao ensino de História, evidenciando que integrar memória, território e experiências locais potencializa a formação de sujeitos críticos e conscientes, alinhando-se aos objetivos da Lei nº 10.639/03 e reforçando a importância de uma educação que articula currículo, identidade e justiça social.

A TERRA MORENA NA VERDADE É NEGRA! ENSINO DE HISTÓRIA, A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/03 E SUAS REFORMULAÇÕES NA REDE MUNICIPAL DE NAZARÉ-BA

► Ano de defesa: 2024.

► Autora: OLIVEIRA, Ana Paula de.

► Orientadora: Prof.^a Dr^a. Antonieta Miguel.

► Coorientadora: Prof^a Dr^a. Mille Caroline R. Fernandes.

► Linha de pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

► Território de aplicação: Rede Municipal de Nazaré – Nazaré (BA).

Produto educacional (SMA):

Caderno de apoio pedagógico com propostas interdisciplinares para o 6º ano.

Principais contribuições:

Criticou limites da institucionalização curricular do HCACI e defendeu uma implementação crítica da Lei 10.639/03 na rede municipal.

RESUMO

Em Nazaré-BA, a criação do componente curricular História da Cultura Afro, Cigana e Indígena (HCACI) surge como uma tentativa de dar concretude à Lei nº 10.639/03, mas também evidencia os desafios da implementação de uma educação antirracista na prática escolar cotidiana. A investigação examina criticamente como o HCACI mobiliza saberes afro-brasileiros, indígenas e ciganos, revelando a tensão entre a intenção curricular e as condições reais de ensino, atravessadas por carga horária reduzida, escassez de materiais e ausência de formação continuada para os docentes. Apesar desses obstáculos, os professores encontram caminhos criativos para aproximar o currículo das experiências dos estudantes e das comunidades, demonstrando como práticas pedagógicas contextualizadas podem fortalecer identidades plurais e promover epistemologias subalternas. A pesquisa evidencia que a implementação do HCACI não se limita à normativa institucional: ela depende do engajamento crítico dos educadores e da articulação entre saberes escolares e comunitários, constituindo o espaço escolar como território de resistência e formação cidadã.

Como resultado concreto, foi elaborado um Caderno de Apoio Pedagógico para o 6º ano, contendo sequências didáticas, textos literários, referências visuais e propostas interdisciplinares. O material busca orientar professores sem formação específica na temática e servir de instrumento para ampliar o impacto das práticas pedagógicas antirracistas, integrando o currículo formal aos saberes culturais das comunidades.

O estudo demonstra, assim, que o HCACI pode potencializar o ensino de História como ferramenta de transformação social, reforçando a centralidade de epistemologias afro-indígenas e a valorização da diversidade cultural. Ao analisar criticamente a experiência curricular do município, a dissertação reafirma que a efetivação da Lei nº 10.639/03 exige mais do que políticas: demanda engajamento docente, recursos pedagógicos adequados e uma escola capaz de enfrentar o racismo estrutural de forma consistente.

Acesso:<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/917276>

MEU CARO, UBUNTU, “TUDO QUE NÓIS TEM É NÓIS!”: UMA METODOLOGIA TRANSGRESSORA E ANTIRRACISTA NO ENSINO DE HISTÓRIA EM CACHOEIRA-BA

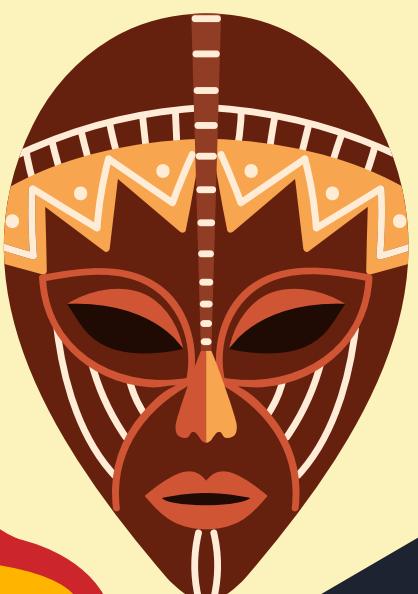
- **Ano de defesa:** 2024.
- **Autor:** MONTEIRO, Emerson do Rosário.
- **Orientadora:** Prof^a. Dr^a. Antonieta Miguel.
- **Linha de pesquisa:** Saberes Históricos no Espaço Escolar.
- **Território de aplicação:** Colégio Simonton – Cachoeira (BA).

Produto educacional (SMA):

Grupo de Estudos Ubuntu, como prática pedagógica transgressora e antirracista no ensino de História no Ensino Médio, utilizando cartas escritas pelos estudantes como ferramenta de escrevivência e reflexão crítica.

Principais contribuições:

Proposta inovadora e afetiva para o ensino de História com base em vivências negras, fortalecendo identidades e resistências.



RESUMO

No coração de Cachoeira-BA, o Grupo de Estudos Ubuntu transforma a escola em território de resistência e afirmação negra. A pesquisa parte das próprias vozes dos estudantes, que compartilham suas experiências de racismo, exclusão e silenciamento, revelando também caminhos de resistência, empoderamento e construção coletiva de identidade. O ensino de História se torna, assim, um espaço vivo, em que a memória, a cultura afro-brasileira e africana, e a experiência cotidiana se entrelaçam com o aprendizado crítico e a consciência social.

As escrevivências — cartas, relatos e reflexões dos estudantes — constituem o eixo central da metodologia, evidenciando a potência de ouvir, acolher e valorizar narrativas historicamente silenciadas. Essa prática pedagógica não apenas transmite conhecimento, mas transforma sujeitos e relações: estudantes se reconhecem como protagonistas de sua história, e a escola se converte em um espaço de cuidado, diálogo e liberação.

Como produto educacional, a metodologia Ubuntu organiza-se em pilares de aquilombamento, diálogo afetivo e escrevivência coletiva, articulando eixos temáticos que conectam racismo, identidade e representação. A proposta é replicável, oferecendo caminhos concretos para práticas docentes antirracistas e decoloniais que fortalecem o protagonismo estudantil e reconfiguram o currículo como território de justiça social.

Os resultados revelam que a vivência do Ubuntu ampliou a consciência histórica dos estudantes, transformou a prática docente e consolidou a escola como espaço de cura, resistência e emancipação. A experiência demonstra que, quando orientada por epistemologias negras e metodologias afetivas, a educação pública pode se tornar instrumento de liberação, valorização cultural e transformação pedagógica.

Essa dissertação representa, portanto, uma contribuição inovadora ao ensino de História: ela mostra que a educação pode ser radicalmente engajada, sensível e transformadora, reafirmando o compromisso da Lei nº 10.639/03 com a valorização da história negra, o protagonismo estudantil e a justiça social.

Acesso: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/920902>



VOZES TRANSGRESSORAS DE MULHERES NEGRAS PROFESSORAS: ENTRE MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS NO ENSINO DE HISTÓRIA EM CAMAÇARI-BA

- ▶ **Ano de defesa:** 2024
- ▶ **Autora:** PITHON, Ana Paula Pinto.
- ▶ **Orientadora:** Prof^a. Dr^a. Célia Santana Silva.
- ▶ **Linha de pesquisa:** Saberes Históricos no Espaço Escolar.
- ▶ **Território de aplicação:** Rede Municipal de Ensino – Camaçari (BA).

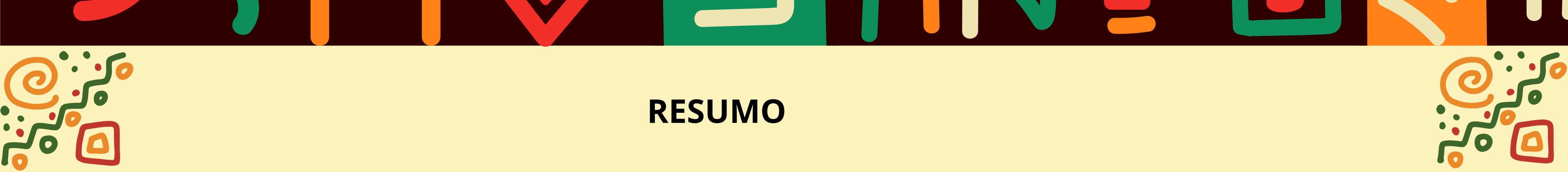
Produto educacional (SMA):

Diário Reflexivo de Transgressões no Ensino de História, voltado para a formação de professores e engajamento pedagógico antirracista.

Principais Contribuições:

Afirma as memórias docentes negras como epistemologias de resistência e reinvenção curricular, propondo um ensino de História afetivo, insurgente e decolonial, alinhado com a efetivação crítica da Lei nº 10.639/03.





RESUMO

As trajetórias de mulheres negras na docência emergem como saberes vivos, capazes de transformar a sala de aula em espaço de resistência e reinvenção histórica. Esta pesquisa explora como as memórias e experiências de docentes negras de História em Camaçari-BA podem sustentar práticas pedagógicas antirracistas e decoloniais, evidenciando a importância do protagonismo docente feminino negro na construção do conhecimento histórico.

Por meio de encontros afetivo-pedagógicos e da escrita compartilhada das experiências — chamados Encontros Preciosos e Giros de Prosa —, a investigação dá visibilidade às “mulheresnegrasprofessoras”, conectando o pessoal e o político, o autobiográfico e o coletivo. As escrevivências registradas revelam enfrentamentos diários ao racismo institucional e à invisibilidade profissional, mas também processos de fortalecimento identitário, solidariedade e transformação curricular.

O produto educacional, um Diário Reflexivo de Transgressões no Ensino de História, integra memórias, práticas docentes e propostas curriculares, oferecendo um instrumento formativo para professores que busquem implementar uma pedagogia crítica, engajada e afetiva.

Os resultados demonstram que o saber produzido por essas mulheres é central para uma educação que reconhece múltiplas humanidades, valoriza experiências silenciadas e propõe um currículo decolonial. A pesquisa reafirma o compromisso da Lei nº 10.639/03, consolidando práticas que articulam resistência, memória e justiça social no cotidiano escolar.

Acesso: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/921089>

NÓS, MULHERES NEGRAS, NA HISTÓRIA DE CONCEIÇÃO DA FEIRA: PARA DECOLONIZAR O CURRÍCULO DE HISTÓRIA E ASSEGURAR A LEI 10.639/2003

- Ano de defesa: 2024.
- Autora: CASTELO, Ana Maria Pereira.
- Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia Pons Cardoso.
- Linha de pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar
- Território de aplicação: Colégio Estadual de Tempo Integral de Conceição da Feira – Conceição da Feira (BA).

Produto educacional (SMA):

Plataforma Digital de Educação Antirracista com e-book “Nós, Mulheres Negras de Conceição da Feira”, glossário, recursos didáticos e propostas pedagógicas para o Ensino Médio.

Principais contribuições:

Promoveu o letramento racial e a valorização das trajetórias negras femininas locais no currículo escolar; contribuiu para a construção de uma escola decolonial e inclusiva, a partir de epistemologias negras feministas.





RESUMO

As memórias e trajetórias das mulheres negras de Conceição da Feira emergem como força viva, desafiando o silêncio histórico e oferecendo um novo horizonte para o ensino de História. A pesquisa articula essas histórias à prática docente, mostrando como elas podem consolidar uma educação antirracista e decolonial, em consonância com a Lei 10.639/2003.

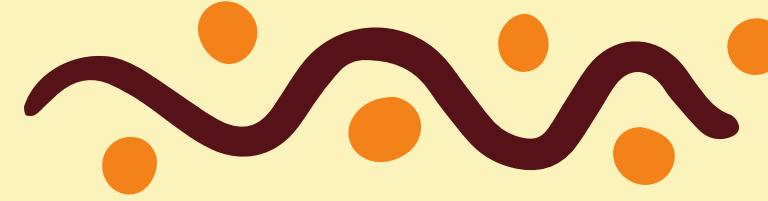
Por meio da História Oral, são reconstruídas experiências de liderança, religiosidade de matriz africana, capoeira e engajamento comunitário, revelando processos de resistência e protagonismo que escapam à narrativa oficial. As entrevistas e registros criam uma ponte entre passado e presente, fornecendo insumos para práticas pedagógicas críticas e sensíveis ao contexto local.

Como produto educacional, a autora propõe uma Plataforma Digital de Educação Antirracista, reunindo e-book com narrativas das mulheres negras, glossário antirracista, recursos pedagógicos e sequências didáticas para o Ensino Médio. O material oferece ferramentas concretas para docentes, promovendo a inserção efetiva da história das mulheres negras no currículo escolar e o fortalecimento da consciência racial entre estudantes.

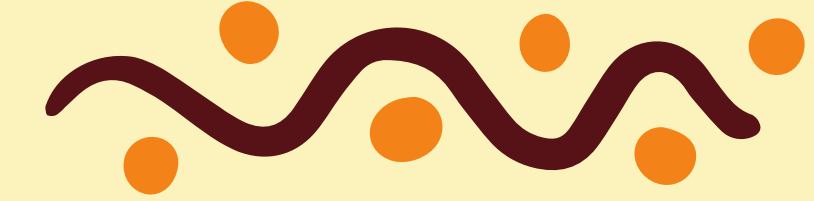
Os resultados indicam que reconhecer e valorizar essas trajetórias contribui para o fortalecimento da identidade negra, estimula reflexões sobre racismo estrutural e transforma a escola em espaço de resistência e reexistência. Ao ler as histórias locais a partir da perspectiva das mulheres negras, a pesquisa demonstra que o ensino de História pode se tornar instrumento de emancipação, justiça social e insurgência epistêmica.

Acesso: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/922160>



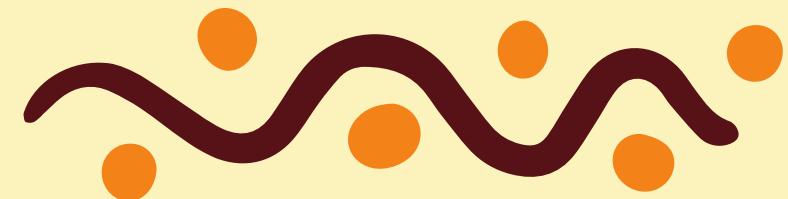


CONSIDERAÇÕES FINAIS

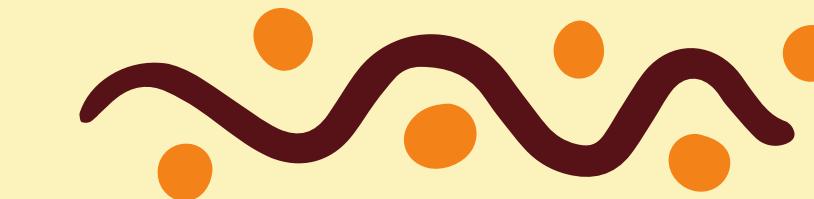


O acervo digital formativo aqui proposto não se encerra em si mesmo: ele se abre como ponto de partida para novos usos, diálogos e criações. Sua força está menos em reunir e mais em provocar reflexões, inspirar práticas e estimular que outros docentes e pesquisadores deem continuidade a essa construção coletiva.

Mais do que um resultado final, este produto educacional é um caminho em movimento, que poderá ser constantemente ampliado e atualizado. Sua relevância está em oferecer à escola pública um instrumento vivo, capaz de alimentar a formação crítica e de fortalecer a luta por uma educação antirracista, plural e democrática.



REFERÊNCIAS



- ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto, 2000.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Vozes, 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra.** Lisboa: Antígona, 2014.
- MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro.** São Paulo: Ática, 1988.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis: Vozes, 1999.
- NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SILVA, Ana Célia da. **A desconstrução da discriminação no livro didático.** Salvador: EDUFBA, 2007.
- SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Educação e identidade negra.** In: SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção (orgs.). **O negro na universidade.** Brasília: MEC/SEC, 1997. p. 13-32.